

Uma breve arqueologia sobre o sergipano Manoel Bomfim

Fátima Bezerra Negromonte*
Maria Neide Sobral**

A brief archeology about Manoel Bomfim

Resumo

Nosso objetivo neste texto foi evidenciar, através da literatura, explicações dadas por comentadores e biógrafos sobre os períodos de esquecimentos e (re)descobertas do intelectual sergipano Manoel Bomfim (1868-1932), e sua obra. Embora silêncio e voz, esquecimento e lembrança sejam interfaces da memória histórica, procuramos demarcar o lugar que a obra de Manoel Bomfim foi ocupando nos últimos cem anos. Evidenciamos que, nas últimas décadas, tem se multiplicado o interesse de investigadores de várias áreas de conhecimento por Manoel Bomfim, cujo pensamento multifacetado persiste e permanece como uma possibilidade singular de interpretação da realidade brasileira.

Palavras-chave: Esquecimento; Manoel Bomfim; (Re)descoberta.

Abstract

This paper had as its objective to show, through the literature, explanations about Manoel Bomfim's (1868-1932) commentators and biographers regarding the period in which this Brazilian intellectual was forgotten from the national scene and rediscovered later. Although silence and voice, forgetfulness and remembrance are interfaces of historical memory, we tried to demarcate the place his work has been occupied through the past hundred years. It is a matter of fact, that in the last decades there has been an increasing number of researches about this author whose multifaceted thinking persists and remains as a singular possibility of interpretation of the Brazilian reality.

Keywords: Forgetfulness; Manoel Bomfim; (Re)discovery.



* Professora do Departamento de Letras-Ingês, da Universidade Federal de Sergipe. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe.

** Professora titular aposentada do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe.

Quando, em que lugar, por quem e por quais razões, determinadas obras são referenciadas e mereceram o reconhecimento e a escrita da História? Quem tem sido celebrado, analisado e mantém-se visível no passar do tempo? De qual lugar do passado, o sujeito do discurso foi autorizado a dizer seu dito, sendo celebrado ou silenciado conforme interesses seletivos daquele momento? Esses questionamentos pontuais permitiram-nos marcar a distinção do intelectual Manoel Bomfim, cuja obra mereceu momentos singulares de exaltação e outros tantos de silenciamento.

(Re)visitar parte da literatura sobre o intelectual sergipano no cerne do pensamento brasileiro foi o objetivo deste texto, evidenciando sua presença e/ou ausência nos centros da (não) circulação de ideias. Reverenciado ou esquecido nas prateleiras dos arquivos, em períodos históricos alternados, Manoel Bomfim tem propiciado em seus escritos instrumentos sociais, políticos, econômicos importantes para a análise da realidade nacional e latino-americana, sobretudo, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

A escritura deste texto se deu nos moldes de uma arqueologia sobre a sua obra, entendida essa no sentido de Foucault¹, acompanhando o movimento de publicações, comentadores, no profícuo deslocamento entre discursos e práticas, saberes e enunciados discursivos. Manoel Bomfim construiu um discurso, cuja interrogação e interpretação é uma constituição histórica. História essa, em sua natureza seletiva, de apagamentos, esquecimentos, (re)visões e (re)atualizações. Apagar ideias e silenciar sobre a existência de discursos e práticas demonstram a seletividade que marca profundamente o fazer histórico e a preservação da memória. Como assinala Le Goff²: “cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazerem da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica”. Neste esteio, buscamos acompanhar a produção de uma memória acerca de Bomfim e sua obra, já que esta alimenta e preserva o passado para se manter “viva” no futuro.

Ao nos debruçarmos sobre a obra de Manoel Bomfim, estamos traçando também a memória coletiva, pensada essa nos termos de Halbwachs³, de sua época, para acompanhar a tessitura da sociedade brasileira. Da produção história individual de Bomfim, enfrentamos uma constelação de tantas outras memórias que não são exclusivamente dele, mas da pertença a grupos e redes de sociabilidade que construiu ao longo da vida.

1 FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Coimbra, Portugal: Edições Almedina, 2005.

2 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. 5ª ed. Campinas: Campinas Editora da UNICAMP, 2003. p. 471.

3 HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.



Com Halbwachs, consideramos que a memória individual da personagem, é de fato, um ponto de convergência de diferentes e múltiplas influências culturais e sociais articuladas. Já a memória coletiva evidencia o escopo de um trabalho de determinado grupo, cujas lembranças compartilhadas formam um acervo conteudístico dessa memória.

Indispensável também entender Bomfim na rede de sociabilidade, entendida esta nos termos de Sirinelli⁴, como sendo: “relações estruturadas em rede que falam de lugares mais ou menos formais de aprendizagem e de troca, de laços que se atam, de contatos e articulações fundamentais [...]” a que o autor pertenceu, seja no Brasil, seja no exterior. Nas leituras que Bomfim fez de outros pensadores e no seu olhar crítico dos problemas nacionais, compôs uma história social da realidade brasileira alicerçada, principalmente, nas paradoxais desigualdades do país em sua época.

Fazer uma leitura no presente sobre uma produção de memória que foi se formando a respeito de Manoel Bomfim e sua obra, simbolizam aqui a busca de articulação entre um fazer histórico sobre uma personagem que esteve esquecida, como salientou Aguiar⁵, mas retorna ao epicentro discursivo pela qualidade de seus textos.

Assim, debruçamo-nos em escritos de comentadores, críticos e historiadores que presentificaram ideias, atuações e fatos produzidos por Manoel Bomfim, com o objetivo de o (re)colocar no cenário atual como um intérprete importante do país, cujas análises revelam-se perspicazes e atualíssimas para desnudar “os males de origem” do Brasil, ao se fixar sobre o processo civilizador da América Latina.⁶

Segundo Bomfim, no Brasil, a herança cultural e institucional promovida pelos portugueses teria sido mais intensa devido à escravatura e à monarquia bragançina, que estabeleceu e legalizou as relações políticas e os processos de dominação social no século XIX. E o remédio para combater os males causados pelos portugueses no Brasil, seria uma reforma educacional que deveria ter prioridade, assim na visão do autor, aquela prescindia às questões políticas e econômicas. Nessa direção, Ribeiro⁷ o considerou como o fundador da antropologia do Brasil.

4 Rede essa entendia como sendo “microcosmo particular de um grupo, no qual se estabelece vínculos afetivos e se produz uma sensibilidade que se constitui marca desse grupo”. SIRINELLI, François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). *Por uma nova história política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. p.38.

5 AGUIAR, Ronaldo. *O rebelde esquecido*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

6 BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

7 RIBEIRO, Darcy. Manuel Bonfim, antropólogo. *Revista do Brasil*, n. 2, p. 8- 59, 1984.

O autor, Manoel Bomfim: instauração discursiva

Para acompanhar a obra de Manoel Bomfim, matizamos o conceito de “autor de uma obra” trazida por Foucault⁸: “individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também, e nas ciências” e do “parentesco da escrita com a morte”. Em um e outro aspecto, indicar a obra como uma unidade, a autoria como individualidade do autor, nem sempre é pacífico de se realizar, como assinala o autor referido, mas sim a emergência de um texto, no espaço que emerge e se dispersa no tempo que se desenrola.

O sujeito do discurso – o autor, permite caracterizá-lo e fazê-lo prevalecer, precisa se tratar de “um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura receber um certo estatuto”.⁹ Nessa direção, compreendemos que Bomfim instaurou um conjunto de enunciados discursivos que merece a prevalência pela sua contínua (re)visitação e apropriação em análise de diferentes áreas de conhecimento. Ele é um autor do seu tempo, que respondeu problemáticas de sua realidade social, cultural e política, cujos enunciados permanecem perenes na compreensão de determinado período da história.

Biógrafos de Bomfim têm tracejado linhas sobre sua origem, sua família, formação escolar e acadêmica, bem como profissionais, a exemplos de Aguiar¹⁰, Nunes¹¹, em narrativas que vinculam o autor a seu tempo, cujo legado bibliográfico que deixou tem permitido incursões sobre o seu modo de pensar, especialmente as reflexões que construiu para interpretar o país e o continente. Manoel Bomfim e sua obra, entendida tal expressão em Foucault¹²:

de que o nome do autor não transita, como o nome próprio, do interior de um discurso para o indivíduo real e exterior que o produziu, mas que, de algum modo, bordejando os textos, recortando-os, delimitando-os, tornando-lhes manifesto o seu modo de ser ou, pelo menos, caracterizando-lho. Ele manifesta a instauração de um certo conjunto de discursos no interior de uma sociedade e de uma cultura.

8 FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 9 ed. Lisboa: Passagens, 2015. p. 33-34.

9 *Id.*, *Ibid.*, p. 45.

10 AGUIAR, Ronaldo. *O rebelde esquecido*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

11 NUNES, Maria Thétis. Manoel Bomfim: Pioneiro de uma ideologia nacional. In: Bomfim, Manoel. *O Brasil na América: Caracterização da Formação Brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. p. 13-25

12 FOUCAULT, *Op.*, *cit.* p. 44-45.



Esse sergipano, no nosso entendimento, assumiu um pouco mais do que autoria de seus textos, ele foi um “fundador” de discursividade¹³, especialmente em relação ao racismo científico. Bomfim¹⁴ rejeitou a concepção hegemonicamente aceita pelos sociólogos sobre a relação determinante entre as características étnicas do indivíduo e a sua posição na sociedade. E, por conseguinte, empenhava-se, por meio de suas escrituras, em desmistificar as argumentações deterministas, raciais que intencionavam manter a exclusão dos indivíduos pertencentes às raças tidas como inferiores e buscava propagar a sua concepção de educação como agente de transformação do indivíduo.

Manoel Bomfim viveu intensamente o seu tempo, ultrapassando barreiras intelectuais e ensaiando um *modus* de pensar que operava na interpretação de seu país e sua soberania no seio da América Latina. Desvelou “os males de origem” do processo de colonização desse continente em análise multifacetada e alinhada à quebra de posições cristalizadas em seu tempo, como o chamado “racismo científico”.

Sergipano, nasceu em 8 de agosto de 1868, em Aracaju e faleceu em 21 de abril de 1932, no Rio de Janeiro. Os pais de Manoel Bomfim eram de classes sociais distintas. Paulino José, seu pai, era um vaqueiro sertanejo, mameluco, analfabeto, natural de Bom Fim do Carira, na época um pequeno povoado, hoje município de Carira, localizado no sertão sergipano, a 113 Km de Aracaju¹⁵. Com pais abastados, Manoel Bomfim obteve escolaridade em nível superior em outros estados, sendo uma das aves de “arribação” como expressou Oliveira¹⁶, por ter se estabelecido fora de Sergipe, depois de galgar sua formação acadêmica. Médico, jornalista, educador, político, escritor, Bomfim assumia as características de um intelectual polígrafo, no dizer de Miceli¹⁷, atrevendo-se a percorrer diversos campos de conhecimento.

No final do século XIX, conforme Lima¹⁸, a intelectualidade sergipana estava circunscrita a um pensamento, de um lado, espiritualista, que se limitava a uma orientação filosófico-religiosa do pensamento católico reinante (catolicismo ortodoxo, ultramontano); de outro, cientificista, era atrelada ao desenvolvimento das ciências físicas e naturais, modificando

13 *ib.*, *ibid.*

14 BOMFIM, *Op.*, *cit.*

15 AGUIAR, Ronaldo. *O rebelde esquecido*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

16 OLIVEIRA, Francisco. Aves de Arribação: a migração de intelectuais. *Lua Nova: Revista da Cultura e Política*, v. 2, n. 3. São Paulo, dez. 1985. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451985000400004. Acesso em: 22 jan. 2019.

17 MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

18 LIMA, Jackson da Silva. *Os estudos filosóficos em Sergipe*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1995. p. 65.

“a maneira de ver e compreender os problemas do homem e do universo, sem a ingerência do dom carismático da fé católica”, que muitas vezes geravam disputas acirradas na imprensa local e nacional. Bomfim abraçou o cientificismo como orientação filosófica em muitos de seus textos.

Oitenta e sete anos se passaram desde o seu falecimento, em que a memória desse intelectual foi visibilizada, esquecida, subsumida, celebrada. É desse movimento que trata este texto, de tentar ressignificar Manoel Bomfim e sua obra, que perdura, preserva-se e contém em si os “segredos” do modo de seu tempo, mas também se abre para possibilidades efetivas de interpretações atemporais, reatualizadas de nossa realidade, ultrapassando os limites geopolíticos do país, abrangendo o continente sul-americano, pensado na formação do povo e nos processos de colonização e de dominação dos europeus.



Garimpagem de biógrafos e comentadores de Manoel Bomfim

Aguiar¹⁹ destacou que, ao verificar a dificuldade de catalogar autores brasileiros, cujas obras ele acredita constituírem “a base, o corpo e a alma do pensamento social brasileiro”, concluiu que essa omissão tem sido sistemática e independe da qualidade das obras escritas ou do que fizeram seus autores em vida e o quanto contribuíram para ampliar a compreensão de diferentes aspectos da vida social, econômica, política e educacional do país. De fato, Manoel Bomfim escreveu muitos artigos em jornais sobre os problemas gerados pela falta de instrução da maioria da população brasileira, no entanto, muitos desapareceram dos arquivos ou estão inaproveitáveis para consulta e leitura.

A falta de conservação dos arquivos brasileiros, a ausência de uma política arquivística de preservação de fontes, tem sido problemática. Isso é algo complexo, pois envolve decisões de diferentes atores, o que é particularmente verificável em relação aos escritos de Manoel Bomfim, como corrobora Gontijo²⁰, ao acentuar que alguns de seus textos “estão dispersos em periódicos de difícil acesso”. Este fato ilustra bem que a preservação dos documentos como fonte histórica está associada a processos de relações de poder de uma determinada sociedade que descarta ou perpetua a sua memória coletiva, como salientou Sobral²¹.

19 AGUIAR, Ronaldo. *O rebelde esquecido*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

20 GONTIJO, Rebeca. *Manoel Bomfim*. Coleção Educadores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. p. 39.

21 SOBRAL, Maria Neide. *Vitrine das Letras: o discurso jornalístico e a modernidade pedagógica em Sergipe/Brasil e Portugal*. São Cristóvão: EDUFS, 2012.

O que é preservado pela memória e materializa-se em documento-monumento, como ressalta Le Goff²², esta memória, evidentemente seletiva, por vezes circunscrita a seu lugar e seu tempo, deixa-se ficar em arquivos e outros guardiões de documentos e obra, que é descoberto e revivido, quase como um processo de nascimento do morto, para dar testemunhos, ser analisado, apreciado, criticado e referenciado em diferentes outras produções intelectuais. Assim, ocorreu com Manoel Bomfim!!! Silenciado, esquecido, apagado, subsumido, esses adjetivos indicam intencionalidades e prescrições de todo processo histórico que, na contrapartida, legítima, revitaliza, atualiza, vulgariza, referencia, até enaltece e celebra determinados intelectuais e suas obras em diferentes momentos históricos. Nesse pêndulo, cada comentador/biógrafo faz sua apreciação, esquarteja sua obra e a põe em determinado enquadramento para assinalar hipóteses, explicitar justificativas e apanhar uma linha de pensamento, uma autoria.

Isso se torna evidente quando, décadas depois do falecimento de Manoel Bomfim, Chacon (1965), ao apresentar suas análises sobre autores associados às ideias socialistas, fez a seguinte indagação: “Por que não se fala *neste* Manuel Bonfim???” (sic). Com efeito, naquele momento, trinta e três anos após a morte de Manoel Bomfim, sua produção intelectual estava completamente ausente do cenário nacional brasileiro. Como resposta à sua indagação, Chacon²³ colocou que Bomfim teria sido silenciado devido à ameaça que suas ideias representavam às classes dominantes do país:

O filisteísmo reacionário, e seu irmão, o filisteísmo pseudo-revolucionário, fazem questão em escondê-lo; até o negam, em público, por medo que ele seja assim descoberto. Muito mais eficiente é o silêncio, que caiu sobre sua pessoa e sua mensagem, desde quando notaram ser ela perigosa para os bem-pensantes.

Seriam as ideias bomfimnianas uma ameaça ao seu tempo? Seriam tão avançadas, em sua época, que mereceu o silêncio, como destacou Nunes?²⁴:

Pouco conhecido é esse escritor sergipano. Todavia, raras obras foram escritas, no Brasil, que apresentassem tão nítido conhecimento de nossa realidade e um nacionalismo mais acentuado quanto a sua. Não sabemos o porquê do silêncio

22 LE GOFF, *Op., cit.* p. p. 471.

23 CHACON, Yamireh. *Histórias das idéias socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965. p. 359.

24 NUNES, Maria Thétis. *Silvio Romero e Manoel Bomfim: Pioneiros de uma ideologia nacional*. Aracaju: Editora UFS, 1976. p. 23.

que a envolveu. Talvez o justifiquem o estilo um tanto cansativo pela prolixidade dos seus escritos, ou mesmo porque não fosse conveniente a divulgação de idéias tão avançadas para a época.

Na visão de Reis:²⁵ “Bomfim é um intérprete excepcional do Brasil, mas prolixo, repetitivo, redundante; suas obras são enormes, desanimadoras para o grande público”. Seria essa a razão que desestimulou a leitura, cujo “pecado” encontra-se na construção textual de sua obra, mesmo reconhecendo sua excepcionalidade na interpretação de seu país, de seu continente?

Segundo Alves Filho²⁶, o “ostracismo” do autor teria sido em razão de suas críticas à colonização portuguesa no Brasil, ao seu antilusitanismo.

Souto Maior²⁷ também questionou e apresentou a sua percepção sobre o esquecimento de Bomfim:

Indagaríamos como foi possível surgir um pensador do quilate e expressão de Manoel Bomfim num tempo em que ainda não existiam movimentos culturais ou partidos revolucionários que defendessem, em nosso país, posições ideológicas tão avançadas. E o mais intrigante e misterioso: por que a nação desconhece sua contribuição pioneira ao estudo e discussão das soluções dos problemas nacionais? É fácil explicar: numa sociedade de classe e racista como a existente no Brasil, a ideologia dominante não tem interesse em divulgar ou memorizar ações políticas, fatos históricos ou obras culturais que se contrapõem aos objetos hegemônicos.

Sussekind e Ventura²⁸ registraram como estranha a pouca relevância de um autor tão enigmático quanto Manoel Bomfim.

Personagem enigmático, Bomfim era capaz de provocar querelas com Sílvio Romero e Rui Barbosa e de recusar uma possível indicação para a Academia Brasileira de Letras,

25 REIS, José Carlos. *Civilização brasileira e otimismo revolucionário (ingênuo): Manoel Bomfim e o sonho da República soberana e democrática*. In: REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?* Rio de Janeiro: FGV, 2015. p.185.

26 ALVES FILHO, Aluizio. *Manoel Bomfim: combate ao racismo, educação popular e democracia racial*. 2º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

27 SOUTO, Maior. *Introdução ao pensamento de Manoel Bomfim: o discurso da modernidade no alvorecer do século XX*. São Paulo: Centro de Publicações do Instituto Mário Alves de estudos Políticos, 1993. p. 18.

28 SUSSEKIND, Flora; VENTURA, Roberto. *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*. São Paulo: Moderna, 1984. p. 3.

tão cobiçada naquele tempo. Chega a ser estranho que um intelectual tão polêmico à sua época fosse relegado a uma posição de pouco destaque nos anos que se seguiram à sua morte.

Manoel Bomfim se contrapôs a intelectuais já qualificados no cenário cultural brasileiro, recusando, inclusive o fardalhão da academia como estandarte de seu valor e do seu reconhecimento, o que certamente, provoca estranhamento aqueles que, entre outras atribuições, também dão vez e voz aos seus pares.

Precisamente treze anos depois, em 1997, na apresentação do livro *O Brasil na América*, de Manoel Bomfim, Nunes²⁹ citando o trecho de Sussekind e Ventura supracitado, reiterou a sua posição quanto à questão:

Realmente, poucos hoje conhecem este escritor sergipano. Mas, no Brasil, poucas obras foram escritas apresentando tão lúcidas compreensão e interpretação da realidade nacional e impregnadas de autêntico nacionalismo quanto a sua. Não sabemos explicar o porquê do silêncio que a envolveu. Talvez não fosse conveniente às elites dirigentes a divulgação de idéias tão avançadas para a época.

Levando em consideração a frequência que seu nome apareceu na imprensa da época, pode-se inferir que ele foi um intelectual que obteve muita visibilidade durante o tempo em que viveu. Seu nome, na maioria das vezes, destacado como diretor do *Pedagogium*, estava, constantemente, nas páginas dos jornais do Rio de Janeiro daquele período histórico, que noticiavam suas participações como palestrante em eventos culturais, em jantares, em inaugurações, em formaturas, em cerimônias fúnebres, em anúncios de formaturas, em casamentos, festas de clubes, eventos educativos e em reuniões políticas com o prefeito do Distrito Federal, com deputados, senadores e, até mesmo, com o presidente da república, além de anúncios publicitários dos lançamentos dos seus livros.

Também encontramos, em diversas edições de diferentes jornais, referências ao seu nome em listas de passageiros dos “paquetes” que estavam viajando a outros estados brasileiros, ora indo, ora retornando da Europa. Segue um recorte do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro do dia 10 de julho de 1909, anunciando uma dessas viagens.

29 NUNES, Maria Thétis. Manoel Bomfim: Pioneiro de uma ideologia nacional. In: Bomfim, Manoel. *O Brasil na América: Caracterização da Formação Brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. p. 13.

Em companhia de sua esposa, partiu ontem para a Europa, a bordo do *Atlantique*, o Sr. Dr. (sic) Manoel Bomfim, Diretor do *Pedagogium*. O seu embarque, que se realizou às 3 horas da tarde, no cais *Phareux*, foi muito concorrido.³⁰

A morte de sua mãe foi divulgada na edição do *Jornal O Paiz*³¹, do dia 7 de abril de 1911, período em que ele estava na Europa, a serviço da prefeitura do Rio de Janeiro.

Em avançada idade e após cruéis padecimentos, faleceu em Aracajú, a 20 do mez findo, a virtuosa matrona D. Maria Joaquina do Bomfim, mãe do Dr. Manoel Bomfim, ex-director da instrução pública, e actualmente na Europa, em comissão do governo municipal.



Estas publicações indicam o quanto Manoel Bomfim era conhecido e prestigiado no país durante a época em que viveu, principalmente no Rio de Janeiro, onde residia e exercia suas atividades profissionais. Porém, equivocadamente, Skidmore³² analisando as posições de rejeição do determinismo racial de Manoel Bomfim e Alberto Torres, afirmou que estes “não tiveram grande sucesso na sua época, o que é prova de que a elite não estava preparada para romper com as premissas estabelecidas”.

No caso do autor Manoel Bomfim, suas ideias antirracistas eram divulgadas na imprensa, vale salientar que os lançamentos dos seus livros eram bastante anunciados nos jornais e recebiam muitos elogios e críticas dos leitores, sobretudo dos intelectuais. Nesse sentido, compreendemos “sucesso” como ampla propagação das concepções do autor em nível nacional, e as repercussões que suscitaram.

Contudo, apesar da visibilidade que teve durante o tempo em que desempenhou sua vida profissional, houve um hiato temporal durante o qual a obra de Manoel Bomfim ficou subsumida do cenário nacional, desde o período compreendido entre os anos seguintes após a sua morte e o final dos anos noventa do século passado; seu nome sequer foi citado em duas antologias concernentes aos pensadores brasileiros de relevo, por

30 *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 4. 10/07/1909.

31 *Jornal O Paiz*. Rio de Janeiro. p. 3, 07/04/1911. Fundado, no Rio de Janeiro, em 1º de outubro de 1884, este jornal foi dirigido nos seus primeiros anos por Quintino Bocaiúva, funcionou até 1930, quando um incêndio destruiu a sua sede. Como se tratava de um noticiário que fazia oposição ao golpe de estado de Getúlio Vargas, há suspeitas de que este tenha sido criminal.

32 SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976. p.131.

Menezes³³ e Vita³⁴. Em Sergipe, verificamos que algumas obras que tratavam de intelectuais sergipanos, como a de Telles³⁵, a exaltação ficava nos chamados bacharéis da Escola de Recife – Tobias Barreto, e, em especial, Silvio Romero.

De modo consequente, essa (des)memória coletiva em relação ao autor, tem sido recorrentemente questionada. Nessa perspectiva, focalizamos as principais hipóteses apresentadas pelos estudiosos da obra bomfimiana acerca dessa questão e também algumas considerações sobre a sua “redescoberta”.

Ele ficou subsumido e, por vezes, mencionado por alguns autores e jornalistas, ora asseverando a importância de sua obra e questionando a ausência do seu nome nas discussões do pensamento intelectual brasileiro da sua contemporaneidade, ora citando-o de forma negativa, principalmente, como exemplo de nacionalista exacerbado e lusofóbico.

Foi Carlos Maul (1887-1974)³⁶, contemporâneo de Manoel Bomfim, o pioneiro a empenhar-se a divulgar os escritos do escritor sergipano, em um momento em que a sua obra já estava sendo ofuscada. Maul³⁷ selecionou textos do autor sergipano e publicou o livro *O Brasil*³⁸, no qual escreveu uma introdução, “nota explicativa”, apresentando Manoel Bomfim, ao qual ele se referiu como “o mestre”, acentuando as suas características nacionalistas e a sua erudição.

A obra de Manuel Bomfim é uma obra profundamente brasileira. Nella o mestre, fazendo um trabalho minucioso de revisão da nossa historia desde a formação colonial até aos dias presentes, procura estabelecer as bases do estudo para o conhecimento da nossa constituição em nacionalidade. E da sua leitura se conclue que, para atingirmos ao gráo da civilização em que nos encontramos foi a atividade da nossa gente a que mais contribuiu através quatrocentos anos de vicissitudes em permanente conflito com a natureza e com

- 33 MENEZES, Djacir. *O Brasil no pensamento brasileiro*. 2º ed. São Paulo: Editora: INEP/ MEC, 1957.
- 34 VITA, Luís. *Antologia no pensamento social e político no Brasil*. São Paulo: Editora: Grijabo, 1968.
- 35 Publicada pela primeira vez em 1900. TELLES, Manoel P. Oliveira. *Sergipenses*. São Cristóvão: EDUFS, 2013.
- 36 Carlos Maul, descendente de alemães, nasceu em Petrópolis em 1887 e faleceu no Rio de Janeiro em 1974, aos 84 anos. Foi jornalista, escritor e poeta; atuou como relator dos jornais “A Imprensa”, “Gazeta de notícias” e “Correio da Manhã”. Foi deputado estadual no Rio de Janeiro de 1928 a 1930 e membro da Academia Carioca de Letras.
- 37 MAUL, Carlos. Nota Explicativa. In: BOMFIM, Manoel. *O Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. p. 7-8.
- 38 BOMFIM, Manoel. *O Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

o europeu. [...] Em “Brasil na América”, “Brasil na História” e “Brasil Nação”, Bomfim, em copiosa documentação de idoneidade insuspeitável, põe em relevo as virtudes do indígena e do preto, as vantagens do cruzamento que com eles fez o lusitano, para a definição das nossas características. Essa obra porém de historiador e de sociólogo, focalizando os vários aspectos da nossa vida da colônia á independência, não é para ser lida e compreendida facilmente sinão por aquelles que se habituaram á pesquisa e á especulação dos phenomenos humanos. É obra de erudito. A sua essência, entretanto, precisa ser conhecida pelo maior numero, pelo que nella se contem de sentimento de brasilidade, de valor educativo, de informação preciosa sobre o Brasil e o brasileiro desde as suas origens.



Apesar do intento de Maul em divulgar a obra de Bomfim, *O Brasil* suscitou polêmicas, e inclusive foi apontada, por alguns autores, como um dos elementos que contribuíram para a subvalorização da obra de Manoel Bomfim.

Aguiar³⁹ avaliou o livro como “uma coletânea mal organizada de textos de Manoel Bomfim. *O Brasil* tornou-se uma referência negativa na obra do sergipano”. Nessa mesma linha de pensamento, Sussekind e Ventura⁴⁰ ressaltaram que a seleção dos textos feita por Maul apregoava um Bomfim extremamente nacionalista:

A “Nota explicativa” redigida por Maul, já indica o critério por ele adotado na seleção e justaposição de trechos (!) de *O Brasil na América*, *O Brasil na História* e *O Brasil Nação*. Aponta a necessidade da leitura da obra de Manoel Bomfim por ser esta “profundamente brasileira” e “pelo que nela se contém de sentimentos de brasilidade, de valor educativo, de informação preciosa sobre o Brasil e o brasileiro, desde as suas origens”. É, contudo, a própria coletânea que se tornará obstáculo a esta leitura. Organizada, como salienta Maul na “Nota explicativa”, a partir destas três obras, não há, porém, no interior de *O Brasil*, qualquer referência à fonte dos trechos selecionados. O organizador impõe uma montagem retalhada de um Bomfim excessivamente nacionalista e patriota. Um Bomfim aparato de possíveis arestas, capazes de emaranhar uma perspectiva estritamente nacionalista.

39 AGUIAR, *Op., cit.* p. 514.

40 SUSSEKIND, Flora; VENTURA, Roberto. *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*. São Paulo: Moderna, 1984. p. 50-51.

Ainda, segundo Sussekind e Ventura, *O Brasil* foi provavelmente o livro de Manoel Bomfim mais difundido pelo fato de fazer parte da Coleção Brasileira, e, portanto, serviu como obra de referência negativa sobre o autor. Como exemplo, os dois autores citam a comparação que Alfredo Bosi fez entre Alberto Torres, Manoel Bomfim e Oliveira Viana: “Há uma conexão mais ou menos estreita entre os seus modos de abordar o Brasil e o nacionalismo sistemático do ‘verde-amarelismo’, da ‘Anta’, do ‘integralismo’ e do próprio Estado Novo”⁴¹. De fato, fica nítida na citação de Bosi que a sua leitura de Manoel Bomfim se restringiu à coletânea organizada por Maul, que suprimiu as contundentes críticas de Manoel Bomfim à Revolução de 1930 e a sua repulsa à implementação de um sistema de governo direcionado a favorecer as classes dominantes.

Em contrapartida, Reis⁴² contestou expressamente a posição de Aguiar, de Sussekind e de Ventura, em relação à coletânea em pauta.

Discordo dessa avaliação e considero essa resistência à coletânea de Maul um “pedantismo acadêmico”, um “eruditíssimo bacharelesco”. Para mim, o fato de essa coletânea ter aproximado o pensamento de Bomfim da sociedade brasileira, permitindo-lhe a sua recepção, é muito importante. Maul popularizou Bomfim, servindo ao seu projeto pedagógico revolucionário. Há centenas de publicações do mesmo tipo com as obras de Marx. Sussekind e Ventura, e eu mesmo agora, também, estamos divulgando Bomfim.

Em relação a essa discussão, acreditamos que há coerência nos dois pontos de vista. Por um lado, de fato, ao lançar *O Brasil*, em um período no qual já não havia novas reedições dos livros de Manoel Bomfim no mercado, Maul, certamente, contribuiu para propagar a obra deste intelectual. E por se tratar de uma edição concisa dos três livros supracitados, atraiu o interesse daqueles que desejavam ter uma visão geral do pensamento de Manoel Bomfim. Entretanto, ao fazer recortes de partes isoladas dos livros de Bomfim, de forma descontextualizada, selecionando apenas aspectos se que compatibilizavam com suas próprias convicções e interesses, apresentando imprecisões conceituais referentes ao pensamento do autor Manoel Bomfim, Maul levou a uma deturpação as ideias bomfimianas. Ou seja, ele escamoteou o pensamento do intelectual sergipano, encobrendo o seu lado racional, questionador, e revolucionário, que pode ser identificado desde o seu primeiro ensaio, *A América Latina*, e, de forma mais incisiva, em *O Brasil Nação*.

41 BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2º ed. São Paulo, Cultrix, 1978. p. 351.

42 REIS, op., cit., p. 185.

O Brasil, em 1935, era governado por Getúlio Vargas, que havia assumido o poder em 1930, como líder da revolução que derrubou o presidente Washington Luís. Como era o Brasil naquele momento histórico? Sumariamente, poderíamos afirmar que era um país controlado por um governo com poderes ditatoriais, que se fortaleceu com o apoio de uma população, majoritariamente iletrada, e, por conseguinte, manteve-se no poder por meio de mecanismos de caráter nacionalista e populista.

Estando posicionado no campo da direita, Maul não selecionou nenhum trecho de *América Latina: males de origem* porque este apresenta um ideal de sociedade brasileira multicultural e igualitária; contém duras críticas às oligarquias agrárias, aos sociólogos, políticos, religiosos, e aos responsáveis pelo passado colonial do país. Logo, os conceitos de parasitas e parasitados, essenciais na obra bomfimniana, foram suprimidos. Em outras palavras, este ensaio foi excluído porque proporcionava dados históricos sobre as origens da opressão e exploração da América Latina, e, já naquele momento histórico, apontava a corrupção, que se estabelecia no Brasil através do processo do parasitismo social, direcionando o leitor a uma reflexão crítica da realidade do país.

Também não foram selecionados os textos de *O Brasil Nação* que criticam a forma como Vargas assumira o poder; e incentiva uma revolução das massas como forma de libertação do jugo de um sistema de governo corrupto, que não privilegiava o bem comum da maioria da população brasileira, ao contrário, só foram contemplados os textos mais nacionalistas e patriotas do escritor sergipano.

Até antes do final dos anos noventa, do século passado, geralmente, os leitores só liam Bomfim por meio de outros autores, sobretudo, na coletânea organizada por Maul⁴³ e na de Sussekind e Ventura. A revisita da obra bomfimniana só foi possível, quando a Editora Topbooks reeditou *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira* (1997); *América Latina: males de origem* (2005), que já havia sido reeditado, em 2002, no primeiro volume da Coleção *Intérpretes do Brasil*, com um texto introdutório de Flora Sussekind, pela Editora Nova Aguilar; e *O Brasil na História: deturpação das tradições, degradação política* (2013).

O que faz um autor esquecido nas prateleiras de livrarias, bibliotecas e arquivos voltar a ser lido, pesquisado pelos estudiosos e investigadores? Destacamos aqui o artigo de Oliveira⁴⁴, *Manuel Bomfim: autor esquecido ou fora do tempo?* Neste, a autora cita o seguinte texto de José Mário

43 MAUL, Carlos. Nota Explicativa. In: BOMFIM, Manoel. *O Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. p. 7-8.

44 OLIVEIRA, Lucia Lippi. Manoel Bomfim um autor esquecido ou fora do seu tempo? *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v.5, n.3, dezembro, 2015. p. 771 - 797. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sant/v5n3/2236-7527-sant-05-03-0771.pdf> Acesso em: 20 janeiro de 2019.



Pereira, editor da Topbooks, que lhe foi enviado por e-mail, em 10 de julho de 2013, no qual ele explica porque resolveu reeditar os livros de Bomfim.

A curiosidade despertada pela obra do Manoel Bomfim primeiro por um livrinho editado pela Achiamé Pensamento político no Brasil: Manoel Bomfim, um ensaísta esquecido, de Aluizio Alves Filho, e depois, trabalhando com Darcy Ribeiro, ele voltou a me falar desse com entusiasmo, sugerindo que lesse *A América Latina, males de origem*. Quando comecei a editora tratei logo de editá-lo, com prefácio do Darcy (na verdade um ensaio que ele antes publicara na *Revista do Brasil*), e orelhas assinadas pelo dr. Evaristo de Moraes Filho. Essa minha edição provocou muito interesse, dado que significou a volta do Bomfim às livrarias e ao sistema intelectual. A seguir publiquei *O Brasil nação*, e *O Brasil na América*. Agora está saindo aqui *O Brasil na história*, esgotado há mais de 70 anos. Também publiquei a biografia de Bomfim, *Manoel Bomfim, o rebelde esquecido*, de Ronaldo Conde Aguiar.

Quem e de que forma, em algum momento de seu tempo, revisitam determinada obra e determinado autor, e passa a divulgá-los? Quais os sentidos que essa obra produz para aquele(s) que se voltam para suas páginas e delas depreende apreciações, críticas, controvérsias, sentidos reatualizados?

A reedição do livro *Através do Brasil*, pela Editora Companhia das Letras, com prefácio de Lajolo⁴⁵ (2000), que foi o primeiro paradigmático brasileiro, uma inovação para a época, escrito em parceria com Olavo Bilac, editado pela primeira vez em 1910, em Paris, e que teve sessenta e seis edições, foi publicado até 1960. Desde a primeira edição deste livro, Bomfim e Bilac já ocupavam lugares importantes no cenário educacional do Rio de Janeiro e, como a maioria dos intelectuais da época, eram bastante otimistas em relação à força transformadora da educação. Como Bomfim era um estudioso da psicologia infantil, ele sabia da importância de se incentivar o sentimento cívico e o amor ao país no período da infância. Assim, a memória coletiva seria preservada.

Também vale salientarmos que uma das principais publicações de Manoel Bomfim, no campo da Psicologia, *Pensar e Dizer: Estudo do Símbolo no Pensamento e na Linguagem* foi reeditada pela Editora Casa do Psicólogo, em 2006. Esta obra faz parte da *Coleção Clássicos da Psicologia Brasileira*, que por sua vez integra o projeto *Memória da*

45 LAJOLO, Marisa. Cronologia de Manoel Bomfim. In: BILAC, Olavo; BONFIM, Manuel. *Através do Brasil: prática da língua portuguesa: narrativa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 37-40.

Psicologia Brasileira, que tem como meta recuperar e divulgar saberes históricos da Psicologia no Brasil. Antunes⁴⁶, na sua apresentação da obra, destacou a atualidade e a importância da reedição deste livro para o campo da Psicologia, ressaltando a originalidade das ideias do autor e a irrefutável diferença em relação ao que era hegemônico naquele período histórico.

Em nível de Sergipe, ressaltamos o seminário comemorativo aos cem anos do livro *A América Latina: males de origem*, em 2005, promovido pela Universidade Tiradentes (UNIT), que culminou com a publicação do livro *Manoel Bomfim e a América Latina: a dialética entre o passado e o presente*, publicado pela Editora Diário Oficial de Sergipe, em 2010. Neste, encontram-se textos de vários pesquisadores da obra bomfimniana, como Maria Thétis Nunes, Ronaldo Conde Aguiar, José Carlos Reis, Ricardo Sequeira Bechelli e José Maria de Oliveira Silva. Além de uma entrevista com Maria Thétis Nunes, na qual ela recordou suas experiências de infância como leitora da *Revista Tico-Tico*.

Estas publicações representaram uma resposta à negligência da historiografia oficial, e têm possibilitado recuperar a memória daquele que foi um dos principais defensores da educação popular, dos direitos da criança e da igualdade racial no país, e, assim, vem instigando pesquisadores a produzir novas pesquisas que, por meio da tecnologia digital contemporânea, estão sendo armazenadas e disponibilizadas aos estudiosos e à sociedade em geral. Assim, observa-se que vem crescendo, cada vez mais, o interesse pela obra de Manoel Bomfim em todo o país.

A “redescoberta” de Manoel Bomfim no cenário do pensamento social brasileiro deu-se, principalmente, devido às pesquisas acadêmicas realizadas, sobretudo, nos programas de pós-graduação das universidades brasileiras. Possivelmente, a necessidade de se compreender os atuais fenômenos sociais da sociedade contemporânea, à luz de ressignificações de conceitos de termos, tais como, “cultura”, “identidade”, “multiculturalismo”, “nacionalismo”, “xenofobia”, “cidadania” “preconceito”, “raça”, “nacionalismo”, “globalização”, entre outros, tenha criado espaços para se revisitar os intelectuais brasileiros da primeira metade do século XX.

Além disso, questões como, por exemplo, as cicatrizes psicológicas deixadas pela escravidão na sociedade brasileira, o silenciamento acerca das teorias raciais que foram propagadas e, de certa forma, até legitimadas pelos intelectuais e políticos brasileiros no início do século passado, levaram os pesquisadores a aprofundarem suas leituras dos autores considerados “in-

46 ANTUNES, Mitsuko Aparecida. A contemporaneidade da Obra de Manoel Bomfim (1868-1932). In: BOMFIM, Manoel. *Pensar e Dizer: Estudo do Símbolo no Pensamento e na Linguagem*, São Paulo: Cada do Psicólogo. Conselho Federal de Psicologia, 2006. p. 171.

térpretes do Brasil”. E nessas revisitações, inevitavelmente, a obra de Manoel Bomfim ressurgiu, e surpreendeu ao trazer à tona um olhar crítico da realidade brasileira, singular, dissonante da maioria dos seus contemporâneos.

Considerações finais

Compreendemos que a obra de Manoel Bomfim foi marcada por longos silêncios, intercalados por (re)visitas ou (re)descobertas, na medida em que suas interpretações e significados tanto respondem como desvelam muitos aspectos culturais, políticos, econômicos e educacionais do Brasil de seu tempo. Dos lugares que ocupou em diferentes instituições, Manoel Bomfim construiu um discurso estruturado sobre os pilares da ciência de sua época, fazendo uma leitura particular e excepcional sobre o país e o continente, sem deixar de apostar no poder da educação para a transformação e o avanço da sociedade.

Não basta ter o que dizer, nem mesmo basta o conteúdo do dito, mas certamente, Manoel Bomfim assumiu uma voz autorizada para fazer seus enunciados e marcar sua presença na História. Esquecido, apagado, subsumido, cada sentido dado a essas palavras só reforça o poder do seu dito, e sua perpetuação tem demonstrado sua vitalidade e firmeza no cenário intelectual brasileiro.

Talvez possamos recuperar aqui a noção de história de Veyne (1992), que consiste essencialmente na compreensão de que os fatos não existem isoladamente, mas, sim, como tecidos da História, de um (re) corte que o historiador tomou para si como objeto, mas cuja tessitura dada, convenientemente é feita pelo autor, que decide o que escrever, como escrever, para quem escrever, o que revelar e como revelar de cada fato. Nesse sentido, acreditamos que Manoel Bomfim tem passado ao longo desses 100 anos por vários crivos, cujas tramas enunciadoras de exaltação ou de esquecimento sempre aludem a ele como um autor peculiar, com uma discursividade própria, conforme compreende Foucault (2013).

Longos silêncios estão presentes ainda na biografia e na depuração das obras de Manoel Bomfim, da mesma forma que vários dos nossos questionamentos ao longo do texto não têm respostas, mas traduzem os anseios de entender essa personagem multifacetada e, de fato, singular no seu dito, cuja longevidade perdura e tem sido (re)apropriada por outros pesquisadores em diferentes campos do conhecimento.

